

As ciências sociais e a pragmática: diálogos sobre a recepção*



Liráucio Girardi Júnior

Doutor em Sociologia (USP)
Professor da Faculdade Cásper Líbero
Pesquisador do Centro Interdisciplinar de Pesquisa (CIP) da
Faculdade Cásper Líbero
E-mail: girardi@uol.com.br

Resumo: Produção teórica sobre comunicação nas ciências sociais em diálogo com a teoria literária e a pragmática. O trabalho retoma um projeto seminal de Gabriel Cohn quando anunciou, em *Sociologia da Comunicação*, o encontro dessa área de estudos com a pragmática. Destaca a importância de uma *communication turn* nas ciências sociais e, ao mesmo tempo, ressalta a importância da sociologia seja na identificação das condições sociais de produção de sentido no consumo cultural, seja nas condições necessárias para sua eficácia simbólica.
Palavras-chave: mediações, ciências sociais, pragmática, eficácia simbólica, *habitus*.

Las ciencias sociales y la pragmática: diálogos sobre la recepción

Resumen: Producción teórica sobre comunicación en las ciencias sociales en diálogo con la teoría literaria y la pragmática. El trabajo retoma un proyecto seminal de Gabriel Cohn cuando anunció, en *Sociología de la Comunicación*, el encuentro de esa área de estudios con la pragmática. Importancia de un *communication turn* en las ciencias sociales y, al mismo tiempo, como ellas contribuyen en la identificación de las condiciones sociales de producción de sentido en el consumo cultural y las condiciones necesarias para su eficacia simbólica.
Palabras clave: mediaciones, ciencias sociales, pragmática, eficacia simbólica, *habitus*.

Social sciences and pragmatic: dialogs on reception

Abstract: Theoretical production on communication in social sciences in a dialog with literary theory and pragmatic. This article retakes a seminal project by Gabriel Cohn when he announced, in *Sociologia da Comunicação* (Sociology of Communication) the convergence of this area of study with pragmatic. The importance of a communication turn in social sciences and at the same time how the social sciences contribute to identify the social conditions of producing meaning in the cultural consumption and in the necessary conditions for its symbolic effectiveness.
Key words: mediation, social sciences, pragmatic, symbolic effectiveness, *habitus*.

Neste artigo, pretendo apresentar algumas considerações críticas sobre o modo pelo qual a comunicação e, particularmente, a recepção têm sido pensadas nas teorias das mediações e em algumas análises da teoria literária. Deste modo, procuro desenvolver uma reflexão sobre as condições sociais que permitem certa eficácia simbólica nos processos de produção de sentido presentes nas práticas de interação e comunicação (Mauss, 2003; Levi-Strauss, 1985; Bourdieu, 1983, 1987, 1996).

A contribuição que a teoria literária, por meio da estética da recepção (Lima, 2002) trouxe para o entendimento desses processos pode ser diretamente percebida na teoria das mediações (Martín-Barbero, 1995, 1997) e nos desdobramentos dos chamados estudos culturais, particularmente, orientados por Stuart Hall (2003)¹.

* Trabalho apresentado ao NP Teorias da Comunicação durante o XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom). Brasília, 4 a 9 de setembro de 2006.

¹ É importante notar que a *nova sociologia*, que inspirou inicialmente o surgimento dos estudos culturais no Centro de Cultura Contemporânea de Birmingham (Hogart e Williams), veio justamente do departamento de Letras.

Este é um exercício de diálogo, em busca de possíveis pontos de articulação para um complexo projeto interdisciplinar que se efetiva, no meu entender, por meio de uma rede, ou seja, de diversos pontos de articulação de objetos, formulação de problemas, premissas, metodologias etc.²

As seguintes hipóteses iniciais orientam as reflexões deste texto: a) a algumas correntes da teoria literária faltaria atenção maior sobre as *condições sociais* da chamada *eficácia simbólica* dos bens culturais; b) aos estudos de recepção latino-americanos faltaria melhor avaliação do significado e do papel conferido à mediação nos processos comunicacionais.

Uma retomada do diálogo com alguns clássicos das ciências sociais poderia contribuir, nesse sentido, ao menos no mapeamento das principais questões que, de alguma forma, permanecem em aberto nas teorias citadas. Trata-se da proposta de uma inflexão sociológica, tomando-a como um dos articuladores de reflexão interdisciplinar. Para fazer essa espécie de *communication turn*, as ciências sociais devem ser obrigadas a responder a questões fundamentais sobre o papel da linguagem e da comunicação na construção social da realidade. Devem, portanto, aproximar-se da proposta seminal de Gabriel Cohn (1973) rumo à pragmática³. Este artigo, mesmo tantos anos depois da publicação da obra clássica de Cohn, esboça a retomada dessa tradição e desse projeto no pensamento sociológico.

No clássico texto de Blumer (*apud* Mortensen, 1980), já podem ser encontradas as principais premissas que orientam as ciências sociais nesse sentido. São elas: a) nossa ação no mundo está ligada à nossa capacidade de produção de sentido a respeito desse mundo;

b) esses sentidos são produzidos socialmente, isto é, na interação social; c) são experimentados em processos de interpretação, que podem adequar-se às mais variadas situações do cotidiano.

A capacidade social de produção de *coisas* carregadas de sentido em nosso mundo depende da nossa capacidade de produção simbólica, isto é, de tudo aquilo que é capaz de estabelecer os *limites* dessas coisas, de estabelecer fronteiras, ou seja, linguagem, como deixa claro Blumer:

O interacionismo simbólico defende a hipótese de que os “universos” acessíveis aos seres humanos e seus grupos compõem-se de “objetos”, e que estes são produto da interação simbólica. Entende-se por objeto tudo que for passível de ser indicado, evidenciado ou referido... (*apud* Mortensen, 1980:127).

No processo de socialização, a aprendizagem da linguagem ou aquisição da competência social para falar é incorporada na construção do que George H. Mead chamou de *self*, isto é, na capacidade de nos pensarmos, localizados em posições e situações sociais, e de pensar os lugares e os papéis socialmente reconhecidos dos outros. Os indivíduos são capazes de reconhecer esses papéis por serem capazes de representá-los socialmente. Na interação social, na experiência dos homens no mundo, os agentes sociais adquirem a competência social necessária para que se constituam como pessoas dotadas de voz: “De forma ampla, ‘voz’ é usada metaforicamente para qualquer atividade relativa ao *uso da linguagem*” (Mey, 2001:25-27)⁴.

A produção social de sentido gera e garante a *doxa*, uma percepção do mundo que se insinua como auto-evidente e que, em sua auto-

² Propósitos semelhantes podem ser encontrados em Mauro Wilton de Sousa, *A recepção sendo reinterpretada* (1998) e Maria Carmen Jacob de Souza, *A construção social de sentidos e o fenômeno da recepção: em questão o papel dos realizadores* (2003). Tomo a liberdade de indicar o trabalho de doutorado deste pesquisador, Liraucio Girardi Jr., *A sociologia de Pierre Bourdieu e o campo da comunicação* (2004).

³ Faz-se necessário lembrar a grande contribuição do professor Luís Costa Lima e seu extenso trabalho interdisciplinar.

⁴ “As palavras que usamos *definem* nosso mundo, no sentido original do termo, ‘criando uma fronteira, um limite’ (...) as vozes dos humanos são os instrumentos constitutivos sobre os quais se funda, em última instância, a orquestração da sociedade. Como personagens sociais e agentes, os humanos ‘inventam’ e estruturam a maneira como querem viver, mas também estão sujeitos às suas próprias criações...” (Mey, 2001:25-27).

evidência, constitui-se como verdadeira força simbólica entre os falantes, fruidores, consumidores de bens simbólicos. Essa experiência do mundo social, que se transforma em *doxa*, define não somente o espaço dos possíveis da fala, mas também as posições que os sujeitos devem ocupar e as disposições que devem ter para poder falar. Ela cria as condições sociais necessárias ou reconhecidas para que os interlocutores possam falar com autoridade, isto é: delimita espaços e situações onde objetiva quem pode falar o quê, com quem, em qual circunstância ou lugar.

Nas práticas cotidianas, a auto-evidência da *doxa* é produzida na linguagem/interação social como força simbólica. A luta pelo sentido é a luta pela constituição de um mundo auto-evidente, simbolicamente reconhecido por meio das palavras e da autoridade e do reconhecimento (implícito) daqueles que as usam (Bourdieu, 1983, 1987, 1996a, 1997).

Assim, o processo de comunicação não consiste apenas na simples produção e troca de signos livremente elaborados pelo indivíduo, mas na construção de fronteiras de sentido exercidas por poderes simbólicos, socialmente instituídos ou imaginados. Todo ato de fala ou de produção de sentido é avaliado, isto é, pressupõe também um ato de validação e de avaliação. Produz-se não apenas sentido, mas valor e poder no ato de fala:

...a crítica sociológica submete os conceitos lingüísticos a um triplice deslocamento, substituindo: a noção de *gramaticalidade* pela de *aceitabilidade* ou, se quisermos, a noção de língua pela noção de língua legítima; as *relações de comunicação* (ou de interação simbólica) pelas *relações de força simbólica* e, ao mesmo tempo, a questão do *sentido* do discurso pela questão do *valor* e do poder do discurso; enfim e correlativamente, a competência propriamente lingüística pelo *capital simbólico*, inseparável da posição do locutor na estrutura social (Bourdieu, 1983:157).

As sociedades envolvem-se em uma rede simbólica, em instituições que transformam os atos de fala em atos de força, em ação,



A produção social de sentido gera e garante a doxa, uma percepção do mundo que se institui como auto-evidente

construindo as condições sociais, isto é, institucionais, de uma ordem simbólica (Castoriadis, 1987; Marcondes, 1992). Voltamos sempre a uma indicação de Marcel Mauss sobre a magia:

Em semelhantes casos, o mágico não pode ser concebido como um indivíduo que age por interesse, a seu favor e por seus próprios meios, mas como uma espécie de funcionário investido, pela sociedade, de uma autoridade na qual ele próprio é obrigado a crer. De fato, vimos que o mágico era designado pela sociedade, ou iniciado por um grupo restrito, ao qual esta delegou seu poder de criar mágicos. Ele tem naturalmente o espírito de sua função, a gravidade de um magistrado; é sério porque é levado a sério, e é levado a sério, porque se tem necessidade dele (Mauss, 2003:131).

É preciso perceber também que, na representação do mundo, a ordem simbólica não é dada sem conflitos. Michel de Certeau (1994) procura identificar uma espécie de dupla natureza das práticas sociais: a) aquela que chama de táticas (resistências que não encontram formas adequadas de registros), que não podem ser facilmente classificadas e não encontram formas reconhecidas para se apresentar na luta pela institucionalização – muitas vezes, essas táticas são identificadas como ruídos na esfera pública (Girardi Jr., 2005), e b) aquelas ações institucionalizadas, que o autor chama de estratégias, empregadas pelos atores sociais de tal modo que podem ser configuradas, organizadas, comparadas etc. e que acabam encontrando, na maioria das vezes, seus porta-vozes e instituições já delimitadas.

A perspectiva de trabalho, esboçada neste artigo, busca justamente indicar os pontos em que a reflexão sociológica, apresentada acima, aproxima-se da pragmática. Nesse sentido, é preciso pensar as práticas de comunicação como modos de ação no mundo e não apenas como formas de representação (Fairclough, 2001). Uma teoria da comunicação está, portanto, diretamente ligada a uma teoria da ação.

● Comunicação e ciências sociais

Na América Latina, o campo da comunicação sofre profundas transformações a partir das novas orientações teóricas que passam a dominar o campo das ciências sociais nos anos 1970-1980. Muitas dessas transformações devem-se, em grande parte, à influência de modelos lingüísticos ou semiológicos. Além disso, apresentava-se uma nova conjuntura social e política pela ação e experiência dos movimentos sociais, que passaram a desempenhar um importante papel nos processos de democratização e luta contra as ditaduras no continente.

Esse vínculo entre ciências sociais e comunicação teve início nos anos 1970 com os trabalhos de pesquisadores da sociologia da comunicação na FFLCH-USP⁵ e com os novos direcionamentos que a antropologia passou a dar à noção de cultura popular.

Embora não seja este o objetivo deste artigo, é preciso lembrar que a transição dos estudos sobre a cultura popular para os estudos de comunicação mediada aparece em um momento muito particular tanto na Europa quanto na América Latina.

Em nosso caso, a emergência de novos sujeitos sociais em um contexto de expansão dos meios de comunicação sob censura (Ortiz,

1989) impulsionou diversos agentes e cientistas sociais a pensarem o significado dessas novas práticas, isto é, a refletir sobre as características e o papel histórico desses movimentos sociais. Diversas leituras reducionistas da teoria crítica, apoiadas basicamente em alguns escritos de Adorno sobre a indústria cultural, pareciam sucumbir diante das novas práticas midiáticas dos movimentos populares (rádios comunitárias, rádios-livres, reestruturação da imprensa sindical, greve dos jornalistas etc.). O “povo” encontrava formas alternativas de participação política direta, ganhando visibilidade nos meios de comunicação, quando tudo parecia monoliticamente controlado.

Em um primeiro momento, sob influência de Victor Turner e Geertz (Durham, 1977) e do impacto dos pioneiros do que veio a se chamar, posteriormente, de estudos culturais ingleses (Richard Hoggart, 1973; Raymond Williams, 1969, 1979), a antropologia desloca a concentração de estudos focados na fábrica para um conjunto de práticas culturais populares. Aparecem os atores sociais na periferia, no bairro, nas práticas culturais voltadas para o lazer, nas lutas urbanas por moradia, creches, hospitais, saneamento etc.

O atual destaque que a antropologia adquiriu nos estudos de comunicação e nos estudos culturais tem, portanto, uma história⁶. A ponte estabelecida entre os estudos de cultura popular e dos meios de comunicação eletrônicos ganhou força na América Latina por meio do trabalho de Martín-Barbero e a chamada teoria das mediações (ou *culturalista*), como pode ser identificada na citação abaixo:

Na redefinição da cultura, é fundamental a compreensão de sua natureza comunicativa. Isto é, seu caráter de processo produtor de significações e não de mera circulação de informações, no qual o receptor, por-

⁵ Gabriel Cohn, Maria Armanda do Nascimento Arruda, Orlando Miranda e Sérgio Miceli. A meu ver, Miceli com *A noite da madrinha*, foi o que mais se aproximou do projeto indicado pelo prof. Gabriel Cohn (1973): “Uma estratégia de análise sociológica das relações entre sistemas simbólicos e sistemas sociais, aplicável a uma modalidade historicamente específica da sua manifestação...”

⁶ Cultura e comunicação são categorias que apresentam graus de generalidade semelhantes, capazes de abranger quase tudo o que existe no mundo social. Quanto aos primeiros ensaios de aproximação entre essas áreas, ver as obras de Edmund Leach, de 1976, com o título: *Cultura e comunicação*, e *A situação negligenciada*, de Erving Goffman, que é de 1964.

tanto, não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor. O desafio apresentado pela indústria cultural aparece com toda a sua densidade no cruzamento dessas duas linhas de renovação que inscrevem a questão cultural no interior do político e a comunicação, na cultura (Martín-Barbero, 1997:287).

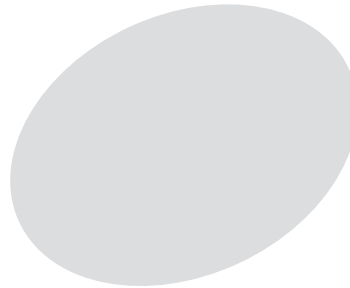
Canclini, seguindo também esse redirecionamento da antropologia, com Mary Douglas (2004), passa a tratar a produção de sentido no mundo dos objetos a partir de uma teoria sociocultural do consumo, na qual o processo de apropriação do sentido, em condições sociais desiguais, aparece como demarcador da distinção, integração e de diversidade simbólica (Canclini, 1992, 1996; Jacks, 1994; Lopes, 1995, 1997).

Cantú & Cimadevilla (1998) fazem observações importantes a respeito da noção de consumo cultural, tal como aparece na teoria das mediações. Os autores apontam uma diferenciação entre as noções de consumo, recepção e uso nas práticas de consumo cultural. Por *consumo* pode-se entender o “conjunto de processos socioculturais nos quais se realiza a apropriação dos produtos”, condições de acesso aos meios de comunicação e aos equipamentos necessários para isso; por *recepção* pode-se entender um modo particular de consumo dos meios, o ato de ver televisão, ouvir o rádio ou ler o jornal, que envolve a produção e negociação de sentidos. No *uso social*, constrói-se a ponte entre a negociação dos sentidos e as práticas sociais cotidianas. Esses processos de consumo, recepção e usos sociais dos bens simbólicos são experimentados por meio de mediações.

Em seus estudos sobre a comunicação mediada, Martín-Barbero procura definir com maior precisão o que entende pela expressão “mediações”. Elas estão relacionadas a situações de interação, geradas a partir de determinados lugares caracterizados como espaços sociais: “...propomos partir das *mediações*, isto é, dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade

social e a expressividade cultural da televisão” (Martín-Barbero, 1997:292). Esses lugares mobilizam elementos e práticas relacionadas com a cotidianidade familiar (espaço cotidiano no qual a TV se insere), com a temporalidade social (a cotidianidade e a temporalidade gerada pela TV) e com a competência cultural necessária para o reconhecimento prático dos gêneros televisivos.

Orozco (2005) é um dos pesquisadores que exploram a noção de mediação de modo bastante original, identificando múltiplas formas de mediação em vários aspectos da produção de sentido: cognitiva, situacional, tecnológica, institucional e de referência. Observa, ainda, uma diferença importante entre as comunidades de apropriação e as comunidades interpretativas.



É preciso pensar as práticas de comunicação como modos de ação no mundo e não apenas como formas de representação

As questões, levantadas por estes autores diante da conjuntura social, política e acadêmica latino-americana, indicavam não somente a necessidade de se elevar a comunicação mediada e seus gêneros à condição de objetos *legítimos* de estudo na academia, como reformularam o papel da produção social de sentido por meio da análise das práticas de recepção. A teoria das mediações teve um papel de destaque nesse reposicionamento, enfrentando uma série de resistências: desde o desdém com que eram pensados os gêneros televisivos à sua redução mecânica a situações de alienação.

São esses, a meu ver, os primeiros pontos históricos de diálogo entre a comunicação e as ciências sociais. Entretanto faz-se necessária

uma avaliação crítica dos usos do termo *mediação* nos estudos latino-americanos. Normalmente, esse termo refere-se a processos de interação a partir de situações e contextos nos quais a produção de sentido pode ser *negociada*: os contextos de interação social.

Entendo que essa observação, no momento em que foi formulada (luta pela democratização, novos movimentos sociais), contribuiu muito para a destruição de certas leituras e vulgarizações do estruturalismo e de certas leituras reducionistas da Teoria Crítica, identificada de maneira muitas vezes simplista com Adorno. Entretanto, o termo mediação, assim formulado, não deixa de ter seus problemas.

Necessidade de uma teoria da ação

O esboço de uma teoria da ação, apresentada por Bourdieu e articulada em torno das noções de *doxa*, *habitus*, *senso prático*, *Illusio*, *campo* e *poder simbólico*, indica que é preciso encontrar, simultaneamente ao contexto da interação, as condições sociais de objetivação da produção de sentido do mundo. Esses fundamentos da teoria bourdieusiana fazem referência direta a Marcel Mauss e apontam novamente para a pragmática e as condições práticas de produção de sentido no discurso.

Seria interessante indicar a importância do conceito de *habitus*, proposto por Bourdieu – essas disposições corporais e simbólicas (*hexis/habitus*) que integram, sinergicamente, as experiências sociais dos indivíduos (o passado) ao presente e antecipam certas expectativas sobre possíveis situações futuras em que se encontrarão – como a verdadeira mediação presente no cotidiano:

A prática é, ao mesmo tempo, necessária e relativamente autônoma em relação à situação considerada em sua imediatividade pontual, porque ela é o produto da relação dialética entre uma situação e um *habitus* – entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma

matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas, que permitem resolver os problemas da mesma forma, e às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidos por esses resultados (Bourdieu, 1983:65).

O que as situações, os contextos de interação produzem só pode ser reconhecido pelas disposições de reconhecimento e autoridade ativadas no processo de interpretação. O contexto de interação só pode funcionar como parte do processo de mediação porque é interpretado a partir de experiências passadas, por disposições incorporadas como princípio de articulação de ações e interpretações presentes. As lutas simbólicas têm sua originalidade na forma pela qual os agentes sociais recriam, a partir de suas experiências passadas (incorporadas como modos de percepção e apreciação do mundo, como modos de reconhecimento de seus lugares e do lugar dos outros no mundo social), os novos sentidos de suas práticas, as novas representações sobre suas posições no mundo.

O *habitus* é esse princípio gerador de improvisações *regradas*, isto é, a mediação que permite aos agentes sociais a sua entrada em um jogo social (em andamento), que os orienta *de modo prático* em suas táticas, dentro das possibilidades e contradições de uma série de estratégias possíveis. O *habitus* é a mediação na produção e reconhecimento dos portavozes nos diversos campos sociais, portavozes que reproduzem e reformulam as regras implícitas com que se constrói a *doxa*.

Segue-se, ao que foi dito, o seguinte:

A Sociologia chama a atenção para o fato de que não é a palavra que age, nem a pessoa, permutável que a pronuncia, mas a instituição. Ela mostra as condições objetivas que devem ser reunidas para que a eficácia de tal ou tal prática social seja exercida. Mas ela não pode parar por aí. Ela não deve esquecer que, para que isso funcione, é preciso que o ator acredite que ele se encontra no princípio da eficácia da ação (Bourdieu, 1983).

Ajustar teoricamente o significado das práticas sociais, a possibilidade de criação e improvisação em contextos sociais particulares frente ao mundo construído como instituição, é o desafio de uma teoria da prática (na qual estão implícitas as práticas de comunicação e consumo cultural). Entretanto, a questão tem um caminho tortuoso nas ciências sociais, e mais ainda na teoria literária e na lingüística. Trata-se da delicada questão das fronteiras entre disciplinas⁷.

Essa fronteira tem sido ocupada pela pragmática e tem afetado, também, as novas tendências presentes na análise do discurso, já que “o chamado ‘conteúdo’ de uma obra é atravessado na realidade pelo retorno às suas condições de enunciação” (Maingueneau, 2001:22; Marcondes, 1992).

Vale, uma vez mais, lembrar as observações de De Certeau (1998) ao constatar que todo consumo cultural está atravessado por estratégias e táticas, como um jogo, gerando um número considerável de práticas de resistência nesse tipo de experiência e fruição.

É preciso lembrar, no entanto, que essa “infinitude” de práticas não é necessariamente produzida por um ato criativo consciente, gerado exclusivamente para aquela situação de consumo, mas por uma espécie de esquemas gerativos práticos, como apontado acima.

Se as estratégias comportam todo o processo de racionalização da produção industrial de lazer, entretenimento e notícia (e seus respectivos porta-vozes), as táticas funcionam como margens de manobra, no contexto de falta de controle dos agentes sobre os meios de produção da ordem simbólica (e da ordem social, econômica e política também). São práticas, usos sociais de resistência que não costumam deixar vestígios permanentes no tempo e no espaço, não podem ser capitalizadas, e seus efeitos são, na maioria das vezes, provisórios. Mas este tipo de experiência do mundo marca as práticas daqueles que, pela

posição em que se encontram, têm justamente dificuldade na produção de seus próprios porta-vozes ou na produção de porta-vozes considerados “legítimos”:

Ela não tem, portanto, a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite, sem dúvida, mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. (...) É astúcia (...) Em suma, a tática é a arte do fraco (Certeau, 1994:100-101).

Cuidado com as fronteiras

Quanto às discussões sobre o processo de produção de sentido, a teoria da ação proposta por Bourdieu parece entrar em choque com algumas proposições presentes na Teoria Literária e produz uma relativização nas idéias de Michel de Certeau destacadas acima. Quanto a isso se faz necessário algum tipo de reflexão.

No que diz respeito à interpretação, a produção de sentido na relação com a obra literária, Eagleton (1983) observa que ela será sempre um texto complexo para o qual não há qualquer segurança no estabelecimento de conexão entre o sentido desejado pelo autor e o significado dado pelo receptor. Sob influência de Gadamer (*apud* Eagleton, 1983), os estudos literários de orientação hermenêutica mostram que tudo aquilo que um texto nos diz depende das perguntas que fizermos a ele. Caso fosse feita a pergunta ideal da qual ele pretendeu ser a resposta, talvez um possível sentido bem delimitado pudesse ser encontrado.

A questão volta-se constantemente para as condições de enunciação, o que quer dizer, de algum modo, a questão da instituição e do poder nos atos de leitura (das obras e do mundo).

Aparentemente, essas análises da teoria li-

⁷ Ver entrevista do sociólogo Erving Goffman a Yves Winkin (Goffman, 1999:236-243).

Qual é a relação entre a leitura das obras literárias, das produções midiáticas, e a leitura do mundo produzida nos e pelos agentes sociais?



terária introduzem um relativismo total, uma espécie de individualismo metodológico interpretativo, no interior do qual qualquer leitura de uma obra torna-se possível. O problema inicial deste artigo coloca-se novamente: a quem e em quais condições são dadas, reconhecidas e autorizadas certas leituras? Com quais conseqüências?

Na teoria literária, esse relativismo, muitas vezes, é compensado com expressões como *estratégias de leitura*, *horizonte de significados*, *potencial recepcional*, *estratégias de interpretação*, capazes de limitá-lo. No entanto, por se tratar de uma *região* limítrofe entre disciplinas ela permanece sem conseqüências. A única coisa que se sabe é que essa questão já não é mais do campo da lingüística. Vejamos como a questão aparece na estética da recepção, nas palavras de Stierle:

A recepção abrange cada uma das atividades que se desencadeia no receptor por meio do texto, desde a simples compreensão até a diversidade das reações por ela provocadas – que incluem tanto o fechamento de um livro, como o ato de decorá-lo, de copiá-lo, de presentear-lo, de escrever uma crítica ou ainda de pegar um papelão, transformá-lo em viseira e montar a cavalo (...) Independentemente das múltiplas reações possíveis e não teorizáveis, há uma conexão complexa das camadas instauradoras da recepção, que se oferecem para a apreensão teórica (...) A tarefa de uma teoria formal da recepção deve ser formular este potencial recepcional, independente da sua atualização particular e condicionada por interesses mutáveis (apud Lima, 2002:121).

Nesse caso, se todo o processo de interpretação só ocorre porque existe uma *redução* do horizonte de significados ou um potencial recepcional, iniciado no contato com o texto, é preciso reconstituir o universo social (campo/*doxa*/poder simbólico); as disposições (*habitus*) dos espectadores, usuários, leitores; os esquemas de percepção de apreciação do texto, adquiridos justamente em nossa trajetória e experiência no mundo.

Wolfgang Iser considera o texto um campo de jogo orientado pela existência de esquemas que se consolidam historicamente e que passam a servir como uma espécie de senso prático para o leitor:

Assim como os esquemas nos capacitam a nos acomodarmos a objetos, assim também nos concedem assimilar objetos de acordo com nossas próprias inclinações. (...) Todos os papéis – como temos de nos lembrar – se caracterizam por uma duplicidade intrínseca: representam algo que visam projetar e, contudo, simultaneamente carecem de controle total sobre a meta intencionada. Deste modo, sempre há um elemento no papel de jogo que escapa do domínio do jogador (apud Lima, 2002:111-115).

Qual é a relação entre a leitura das obras literárias, das produções midiáticas, e a leitura do mundo produzida nos e pelos agentes sociais? O mundo social existe para ser lido apenas? Como articular esse problema de modo complexo na lingüística, na semiótica e nas ciências sociais? Não tenho propriamente as respostas para essas questões, mas entendo que formulá-las com um pouco mais de precisão, apontando para a articulação de problemas comuns a serem enfrentados por estudos interdisciplinares, representa importante caminho na construção de verdadeiros *problemas interdisciplinares*.

Trata-se de compreender a possibilidade de vinculação entre a produção de sentido e as condições sociais de sua produção, de encontrar as condições de sua enunciação e as condições sociais do jogo de representação/ação no mundo que representam e possibilitam.

Mais uma vez, a dificuldade do trabalho interdisciplinar não está no número de disciplinas que o integram, mas na dificuldade de configuração de problemas e na administração do trabalho interdisciplinar que conduzirá a algumas configurações teóricas e metodológicas: um plano de estudos interdisciplinares possíveis⁸.

⁸ Tudo opõe, portanto, nosso procedimento sociológico àqueles que consistem diversamente em fazer esclarecimentos disciplinares (pluridisciplinaridade), em reunir num amontoado teórico de conceitos tirados de tradições disciplinares diferentes, estando essas tradições muitas vezes ligadas a teorias do conhecimento diferentes (interdisciplinaridade) ou em introduzir ilicitamente numa disciplina princípios diferentes provenientes de outra disciplina (...) Estes diferentes impasses têm em comum que são abdições da interpretação sociológica. Abdição ligada a três ilusões: a ilusão segundo a qual a visão dupla (tripla, quádrupla...) daria uma visão melhor, a ilusão segundo a qual a mistura de princípios e orientações teóricas e epistemológicas heteróclitas daria lugar a um enriquecimento (mais do que a uma explosão ou implosão), a ilusão segundo a qual uma ciência de alta legitimidade (ciência 'dura') poderia constituir a base de outra ciência ('humana')" (Lahire, 1998:193).

Explicitamente, compartilho a idéia de que a sociologia de Pierre Bourdieu (pensar com e até mesmo contra Bourdieu) leva, ao menos, à definição das grandes questões a serem respondidas nesse plano de estudos interdisciplinares no campo da comunicação. Ela estabelece uma articulação possível entre as ciências sociais e a pragmática, por meio dos problemas que ajuda a formular.

É preciso ressaltar que a falta de formação dos cientistas sociais no campo da comunicação pode produzir um considerável prejuízo nas formas de entendimento das práticas sociais. A retomada desses debates nesse campo deve passar por um diálogo com a pragmática e com o campo da comunicação marcado pelo profundo interesse e *disposição*.

Referências

- BLUMER, Herbert. "A natureza do interacionismo simbólico". In: MORTENSEN, C. David. *Teoria da comunicação: textos básicos*. São Paulo: Mosaico, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. *Bourdieu*. Org. Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983a.
- _____. *A economia da trocas simbólicas*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- _____. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- _____. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Editora da USP, 1996a.
- _____. *Regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.
- _____. *Razões práticas*. Campinas/SP: Papyrus, 1997.
- CANCLINI, Nestor G. "Los estudios sobre comunicación y consumo". *Dia-logos de la comunicación*. Lima: Felafacs, 32, mar.1992, pp. 8-15.
- _____. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- CANTÚ, Ariadna, CIMADEVILLA, Gustavo. "Orientación, consumo, recepción y uso de los medios: una propuesta de articulación conceptual". *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação: recepção & consumo*. n. 2, jul./dez. 1998, pp. 41-54.
- CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto II: os domínios do homem*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- COHN, Gabriel. *Sociologia da comunicação: teoria e ideologia*. São Paulo: Pioneira, 1973.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.
- DURHAM, Eunice R. "A dinâmica cultural na sociedade moderna". *Ensaio de Opinião*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, pp. 33-35.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001.
- GOFFMAN, Erving. "Os momentos e os seus homens". In: WINKIN, Yves (org.). *Os momentos e os seus homens*. Lisboa: Relógio D'Água, 1999.
- GIRARDI JR., Liráucio. *A sociologia de Pierre Bourdieu e o campo da comunicação*. Tese de Doutorado: USP, 2004.
- _____. "Poder simbólico, mídia e cidadania". *Comunicare*, vol. 5, n. 1, 1º semestre 2005, pp. 61-75.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, UFMG, 2003.
- HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura*. Lisboa: Editorial Presença, 1973.
- JACKS, Nilda. *Tendências latino-americanas nos estudos de recepção*. Texto apresentado no GT Comunicação e Recepção XVII Intercom, Piracicaba, 1994. http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/5/nilda_jacks.pdf.
- LAHIRE, Bernard. *Homem plural*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- LEACH, Edmund. *Cultura e comunicação*. Lisboa: edições 70, 1992
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- LIMA, Luiz Costa (coord.). *A literatura e o leitor*. 2ª ed. (rev. e ampl.) São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- LOPES, Maria Immacollata Vassalo de. "Recepção dos meios, classes, poder e estrutura". *Comunicação & sociedade*, nº 23, S.B. do Campo: IMS, jun. 1995 pp.100-110
- _____. "Explorações metodológicas num estudo de recepção de telenovela". In: LOPES, Maria Immacollata V. de (org.) *Temas contemporâneos em comunicação*. São Paulo: Edicon/Intercom, 1997, pp.151-166.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MARCONDES, Danilo. *Filosofia, linguagem e comunicação*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MEY, Jacob L. *As vozes da sociedade: seminários de pragmática*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.
- MICELI, Sérgio. *A noite da madrinha*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- MORTENSEN, David C. *Teoria da comunicação: textos básicos*. São Paulo: Mosaico, 1980.
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- OROZCO, Guilherme. "O telespectador frente à televisão". *Comunicare*, vol. 5, n. 1, 1º semestre 2005
- SOUSA, Mauro Wilton de. "A recepção sendo reinterpretada". *Novos Olhares*, São Paulo, nº 1, 1º semestre 1998, pp. 39-46.
- SOUZA, Maria Carmen Jacob de. "A construção social de sentidos e o fenômeno da recepção: em questão o papel dos realizadores". *Famecos*, Porto Alegre, nº 20, abr. 2003, pp. 46-56.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1969.
- _____. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- WINKIN, Yves. (org.) *Erving Goffman: os momentos e os seus homens (textos escolhidos)*. Lisboa: Relógio D'Água, 1999.
- ndres: Routledge, 1995.